

Barra Longa, 26 de janeiro de 2019.

Nós, atingidas e atingidos de Barra Longa, queremos registrar perante a nova composição do Comitê Interfederativo (CIF) nosso repúdio à forma com que a Fundação Renova atua nos territórios, quando tem que lidar diretamente com as vítimas desse desastre/crime.

Nosso processo de organização teve início nos dias seguintes à chegada de rejeitos na zona rural e no centro da cidade de Barra Longa. Tivemos que aprender a ser atingido; a defender nossos direitos ao mesmo tempo em que tirávamos a lama de dentro de nossas casas; a resgatarmos nossos amigos e parentes que ficaram isolados porque perderam o acesso à estrada, que estavam cobertas de lama; a acolher e sermos solidários uns aos outros. Foi um processo longo e intenso, no qual aprendemos que a organização coletiva das pautas gera frutos mais rapidamente do que a manifestação individual dos problemas aos funcionários que estavam em nossa cidade.

Então, já temos o entendimento firmado sobre a forma que queremos nos organizar e tomar as decisões sobre o processo de reparação em nossa cidade. Somente tomamos decisões importantes em assembleias, depois de sermos orientados sobre as opções viáveis pela nossa assessoria técnica; já temos a consciência que não queremos reuniões em portas fechadas entre nossa assessoria técnica e os técnicos da Fundação Renova; que precisamos ter acesso real a todos os estudos feitos pela Fundação para que nossos técnicos possam nos explicar o que acontece na nossa cidade, seja com o meio ambiente, com saúde, seja com a nossa reativação econômica. Queremos que, ao final do processo de reparação, cada atingida e atingido de Barra Longa possa viver dignamente, dando continuidade aos seus projetos de vida.

Acontece que a Fundação criada para fazer as ações de reparação, tem feito exatamente o contrário, desde o primeiro contato que tivemos com ela. Os seus técnicos chegam em nossa cidade com as decisões já tomadas, como se somente eles soubessem o que é melhor pra nós, mesmo sem conhecerem nossa realidade, mas nós somos a vítima desse crime e ninguém melhor que nós para saber como devemos ser reparados. Somos nós que estamos adoecidos, cansados de tentar dialogar sem sucesso com essa Fundação, desamparados e empobrecendo de maneira geral por causa da falta de planejamento e execução de medidas efetivamente reparatórias.

Os causadores do crime não podem, nem devem ditar como a reparação de nossas vidas devem acontecer. Percebemos, no nosso dia a dia, que a reparação integral, tendo a população atingida como centro do processo não está sendo realizada, conforme previsto no TAC-GOV. Estamos organizados e essa organização deve ser respeitada!

Andréia Mendes Anunciato J. Aguiar

A Fundação se recusa a dialogar diretamente com os atingidos e mostrar as negativas que eles elaboram em escritório. Eles falam nos espaços de governança que nós somos agressivos e hostis, quando eles sempre foram tratados com respeito e educação. Há sim, momentos de tensionamento, que são próprios de espaços de negociação e conflito. Não é razoável exigir que os atingidos, que nos encontramos desamparados, muitas vezes sem rendimento até os dias atuais, adoecidos, que estejamos nas negociações com frieza, vez que são decisões que definem o rumo de nossas vidas. Quando comparecem nas assembleias, eles também se recusam a responder as demandas apresentadas, sempre pedindo mais prazo ou então dizendo que não possuem poder para decidir o que é posto, mesmo sendo avisados com antecedência sobre o tema de cada assembleia. Assim, adiam e ganham tempo, para que as respostas sejam dadas por e-mail. Nesse sentido, eles não cumprem os prazos estipulados e entregam as respostas de maneira incompleta, o que atrasa o trabalho da nossa assessoria e também o nosso conhecimento sobre o que acontece no nosso processo de reparação integral.

Dessa mesma forma, por diversas vezes a Fundação sequer compareceu as assembleias de atingidos marcadas com ela para que as medidas de reparação dos danos fossem apresentadas e acordadas. Tal atitude evidencia o desrespeito a nossa auto-organização, prevista em diversos acordos celebrados judicialmente, além da tentativa de deslegitimar as decisões tomadas no nosso território. Tão grave quanto isso é a tentativa de voltar atrás nos acordos já realizados ou até mesmo nas deliberações do CIF, como é o caso da contratação da Assistência Técnica para moradia e do Plano de ação em saúde da nossa cidade, acordados em território e no CIF.

As atitudes da Fundação Renova demonstram total autoritarismo e desrespeito. É notável a postura da Fundação em defender os interesses das suas empresas mantenedoras e diminuir os gastos com a reparação dos atingidos, ao invés de assegurar os direitos dos atingidos.

Assim, viemos publicamente repudiar as ações da Renova em território e solicitar providências por parte das instituições competentes para que nos auxiliem no processo de reparação dos nossos danos. Não queremos que mais atingidos morram esperando por suas indenizações e ações de reparação, como foi o caso de Adilson (volta da capela), Reginaldo e dona Maria Geralda (Gesteira), além de tantos outros que sabemos existirem aqui e ao longo da bacia do Rio Doce.

Hoje vemos a situação de Brumadinho, na qual varias pessoas foram novamente atingidas pelo mesmo tipo de crime. Queremos justiça e rapidez na reparação desses crimes. Queremos nossa vida e nossa dignidade de volta. Queremos que a Fundação Renova cumpra o que foi criada para executar: a reparação plena. Se não for com esse objetivo, nos perguntamos: é necessária sua existência?

Andréa Mendes Inunciato 